

MUSICOTERAPIA COM MENINOS DE RUA

Uma experiência que deu certo!¹

MT. Clara Márcia Piazzetta

Graduada em Musicoterapia pela FAP em 1988

Neste breve relato contarei a história vivida por mim junto à uma das unidades da Prefeitura Municipal de Curitiba, Casa do Pia I, para atendimento à meninos em situação de risco no período de outubro de 1999 à março de 2001.

Partindo de breve explicação dos objetivos do programa de atendimento na Casa do Pia I, o início do trabalho de Musicoterapia, até 2001, quando passou a ser realizado por estagiários do 3º ano do curso de Musicoterapia da FAP.

Casa de abrigo unidade Casa do Pia I:

Um Programa de Atendimento às Crianças e adolescentes em Situação de Risco realizado pela Secretaria Municipal da Criança em unidades de abrigo nível I : Permanência breve.

Criado em 1996 tem como proposta de ação: "O resgate da auto estima e a promoção do bem estar físico, oferecer abrigo e o ingresso ou retomada da vida escolar. Verificar a possibilidade de retorno familiar e oportunizar noções de trabalho e/ou cursos profissionalizantes, promovendo quando possível, sua inserção no mercado de trabalho.

São crianças e adolescentes (07 a 14 anos), do sexo masculino, identificadas pelo Programa de abordagem de Rua, com vivência de rua, com ou sem vínculos familiar. Geralmente são usuários de drogas." (Secretaria Municipal da Criança).

A inserção da Musicoterapia no programa.

O trabalho de Musicoterapia nesta unidade foi voluntário e iniciou-se em outubro de 99 depois que a direção da casa conseguiu, através de doação, alguns instrumentos listados por mim, no projeto que enviado para o serviço de Ação Voluntária e para a Secretaria Municipal da Criança, em abril de 99.

Desde então a Quarta-feira estava reservada para estar com os meninos. No princípio, como não conhecia a realidade da casa e nem dos meninos, não estavam estabelecidos os objetivos , existia sim uma proposta de implantar a MT. na unidade e trabalhar com o material sonoro que os meninos trouxessem. O trabalho era feito em grupos grandes (até 10 participantes) e como um dos

¹ Trabalho apresentado no Encontro Paranaense de Musicoterapia e II Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia - Curitiba, Julho 2001.

educadores participa de Oficinas de Musicalização da Fundação Cultura, a direção da casa perguntou se ele poderia estar junto. Eu aceitei, até mesmo por precaução, uma vez que os meninos também não me conheciam. Este período durou dois meses, o tempo necessário para eu perceber, e o educador também, que não falávamos a mesma linguagem e que eu não estava lá para corrigir modos de tocar o instrumento. Outra razão foi eu perceber a rigidez dos meninos quando ele estava presente.

Outro dado importante do início do trabalho é o caráter voluntário do mesmo. Ou seja, os meninos têm obrigação de participar destes momentos de voluntariado não importa o que seja, em consideração do voluntário. Essa imposição reforçou a postura rebelde que eles naturalmente têm e gerou revolta, expressada, também, na determinação de quebrar todos os instrumentos o que na medida do possível não era permitido. Paradoxalmente ao final do horário, não mais que 45' (quarenta e cinco minutos), pediam que eu cantasse a música "Aquarela" do Toquinho e paravam para escutar. Esse pedido foi o que me fez continuar, pois percebi, que por traz de toda aquela vontade de ir contra tudo e todos, existia um desejo por algo que gostavam e conseguiram pedir naturalmente. Alguns tentavam cantar junto mas não sabiam a letra, outros tentavam cantar mas apresentavam dificuldades na articulação das palavras.

Em dezembro de 1999, perguntaram-me se poderia acompanhar alguns meninos, que queriam cantar, na festa de final de ano. Aceitei e à partir de então comecei a trabalhar sozinha e com grupos menores de meninos, não ensaiando para a festa, e sim permitindo que apenas aqueles que queriam participar viessem e juntos, buscassem a melhor maneira de se apresentar na festa. O que foi muito difícil e precisou de sugestões de outros educadores e incentivo de minha parte, como acompanhante musical do grupo.

Neste momento percebi um grande impasse, quanto aos benefícios da Musicoterapia para eles e tentei responder a uma pergunta básica:

Quem eram estes meninos?

- Crianças, e pré adolescentes com uma experiência de vida, apesar da pouca idade, muito forte e intensa no quesito abandono e maus tratos, tanto verbais quanto físicos. Receber uma bronca, era muito mais compreendida do que receber um gesto de carinho, no acolhimento e no cuidado com ele enquanto pessoa! Buscar a morte é mais natural do que buscar a vida! Considerei também serem eles um produto da sociedade! O resultado do processo de exclusão social que segundo Violante,

"começa por ser de ordem econômica e desemboca no não-reconhecimento social dos sujeitos que vivenciam tal situação, considero que o que há de mais perverso na sociedade é o fato de a própria estrutura que exclui dispor de mecanismos para levar todos, inclusive e principalmente os excluídos, a acreditarem numa suposta "força própria de vontade" e a se verem desprovidos de

tal "força" e demais atributos que os tornariam "incluídos", como por exemplo: ser branco, em primeiro lugar, ou ao menos ser "negro de alma branca"; ter boa fisionomia, ter saúde, ter bons dentes, ter instrução, ter bom emprego, ter casa própria, ter automóvel, etc. Como a posse destes bens assim como de outros, desempenha a função de emblema identificatório, apesar de estes não serem tangíveis para a maioria da população brasileira, sua não posse retorna ao indivíduo de modo a culpabilizá-lo por seu fracasso pessoal." (p.60)

Como a Musicoterapia poderia ajudá-los a sair da condição de excluídos tão internalizada para torná-los mercedores das coisas que pudessem desejar? Como ajudá-los a escutar seus desejos e descobrir que poderiam alcançá-los por seus esforços?

Eles têm naturalmente a ginga do batuque, como o chamam, tocam e cantam os pagodes da moda, os rap dos racionais, e paródias mórbidas como ninguém, e tudo, sem terem passado por uma escola, apenas pela convivência com as músicas do rádio, ou alguns programas de Capoeira mantidos também pela Prefeitura.

Comecei a organizar os grupos a partir das respostas musicais dentro da percepção rítmica, sociabilidade e origem (meninos de rua e meninos que estavam na rua). A diferença de respostas ao trabalho musical é gritante nos dois grupos. Os meninos de rua (aqueles que perderam ou nunca tiveram laços familiares) são extremamente individualistas e aceitam poucos limites, não escutam o colega e não permitem que ele toque, satisfazem-se com o quebrar dos instrumentos, com o ultrapassar de qualquer regra. Usam de muita intensidade sonora, e enquanto o instrumento não quebra eles não param, tem prazer nisso, e o que acontece ao redor parece não afetá-los. Seu tempo de permanência em uma atividade construtiva é muito pequeno, à vezes entre 5 a 10 minutos. Ultrapassado este pequeno tempo dava-se início a segunda opção, que era a destruição. Já os meninos que estão na casa por razões de maus tratos, ou mesmo por opção (a família é muito ruim, a rua é um pouco menos atraente, e a casa de abrigo é a melhor opção), conseguem responder bem mais: eles mesmos pedem para reduzir o volume, montam baterias com os instrumentos que tem e escutam os outros tocarem. Fazem competições entre eles e sempre a minha opinião é muito importante: Quem foi melhor? Perguntavam. Dava minha opinião e deixava que eles mesmos dessem a nota.

Como a casa é de abrigo para os meninos muitas vezes quando eu chagava na semana seguinte, tinham crianças novas, e as da semana anterior haviam evadido. Assim precisava começar tudo de novo e não era possível manter o mesmo grupo.

Novos planos : Os objetivos passaram a ser: melhorar a sociabilidade, proporcionar pela música uma forma de liberar emoções, e despertar a criatividade e o brincar livremente de forma construtiva. Ampliar o tempo de permanência em uma atividade construtiva.

Estabeleci três regras:

- 1) Não quebrar os instrumentos;
- 2) Sempre que se queira um instrumento, que o colega está usando, deve pedir e oferecer outro em troca;
- 3) Não usar os instrumentos para agredir os outros diretamente.

Destas três a primeira é mais difícil de respeitar. Eles também esboçam regras, principalmente quanto ao volume, mas não conseguem seguir.

Hoje sei que o trabalho de Musicoterapia em uma unidade como esta chega a ter semelhanças com um trabalho ambulatorial principalmente pela rotatividade dos moradores, além de ser um trabalho a domicílio. A sala onde é realizado não oferece privacidade e durante o trabalho somos constantemente interrompidos por outros meninos que querem apenas atrapalhar ou fazer-se presente sem conseguir escolher por eles mesmos estar no grupo. A porta é trancada e eles ficam se jogando contra ela querendo arrombá-la. Bem então como poderia realizar um trabalho clínico nestas condições? Como poderia proporcionar um meio de expressão de sentimentos e emoções? Optei pela possibilidade de usar esta realidade e trabalhar todas as sensações que esta forma de atividade estava proporcionando a eles e a mim: tanto pelos incômodos (interrupções; alternância de participantes) como pelos pontos positivos (pequenos momentos de produções musicais que contemplam seus desejos verdadeiros).

A organização dos grupos a cada Quarta-feira, era feita através de uma inscrição em folha de papel em branco colocada sobre a mesa do refeitório, ao lado de uma caneta que sempre desaparecia. Esta forma funcionou bem melhor do que a anterior onde eu chamava os meninos que nunca estavam dispostos. Ao ter a possibilidade de inscrever-se rapidamente para participar no primeiro grupo os meninos sentiam-se mais motivados e com chance de estar com a turma que eles queriam. Claro que para o desenvolvimento do trabalho isso poderia a princípio, ser prejudicial, uma vez que estavam juntos aqueles que tinham um bom desempenho musical com aqueles que apresentavam muitas dificuldades rítmicas e de escuta. Mas no final mostrou-se muito útil pois o próprio grupo estimulava os mais distantes e corrigia os apressados mostrando como fazer. Esta forma de abordagem e condução do trabalho foi possível pelo apoio e disponibilidade da Instituição à tudo que eu precisasse.

Algumas situações bastante emocionantes pude vivenciar com estes meninos e suas formas de organizar-se, para manterem-se vivos a cada instante, não importando o que fez antes e muito menos projetando o futuro que alias como nas organizações musicais não existia. O presente é o que importa e sempre muito rápido. Poucas músicas eram executadas inteiras por todos, na maioria cantavam apenas alguns pedaços. As paródias apresentadas ali, para que eu ouvisse e gravasse, continham sempre muita morte e agressão como esta: (Sábado de Sol - Mamonas Assassinas)

“Sábado de sol aluguei um caminhão pra levá a galera pra levá os Mamonas para o caixão, chegando lá mais que vergonha, Dinho sem cabeça, Seu Manoel sem coração e o resto sem pulmão.”
 Com a Musicoterapeuta: *“Sábado de sol aluguei um avião pra levar a professora pra dentro do caixão. Chegando lá mais que vergonha só tinha maconha, os maconheiro tavam doidão querendo meu feijão. Sábado de sol aluguei um caminhão, para leva os mamonas pra dentro do caixão. Chegando lá mais que vergonha Dinho sem cabeça, seu Manuel sem coração e o resto sem Pulmão. Sábado de sol aluguei um caminhão para levar a professora para o caixão chegando lá mais que vergonha só tinha maconha os maconheiro tavam doidão querendo meu feijão... bonus de litro bonus de terror, só entra neste bonde maconheiro e cherador . Hum hum hum hum.... racionais do á filha da puta, pá ,pá, pá, aqui em São Paulo taí ta super bom eu to na rua de colete e moletom. Din din Dom rap rap som quem manda no opala morte rom...”*

A polícia é sempre a malvada da história, e prevalece a lei do mais forte. As improvisações musicais livres eram muito intensas em volume e com pouca organização rítmica, mas a escolha do nome do grupo, a cada semana, e registrar sua voz no gravador anunciando a data, era muito importante para eles. Dentro de uma dinâmica proposta para que todos pudessem experimentar os instrumentos, a dificuldade de escutar o colega (sempre tocavam ao mesmo tempo) e a vergonha de participar na sua vez predominavam. Um dia no entanto participei com meu gravador de um momento muito especial para eles e para a casa. Durante a semana alguns meninos haviam feito uma paródia para a diretora da Casa, e me pediram para gravar a fim de mostrar à ela. A simplicidade da história sobre seus óculos adaptada à realidade deles, foi cantada por aquele grupo. O registro dessa criação no gravador foi um marco no trabalho e alguns começaram a valorizar muito mais o que faziam. A paródia feita pelo grupo Arco Íris em 19/04/00 foi:

Para Geni, para a Geni, pra Geni da casa do Pia I :

*“HD HD... deixa eu Eu sei que este cara não te ama
 HD HD... deixa eu deixa eu, eu sei que este cara não te ama... HD HD seu óculos quebrou mandou para o concerto lá e aumentaram a lente dele e aumentaram o preço dele, HD HD não tinha dinheiro pra pagá (agora deixa agora deixa)
 Chegamo lá a polícia tava lá, prá leva HD para a Febem não tinha dinheiro prá paga ela não sabia*

o que fazê 26/04 a música do HD HD HD quebrou o óculos não tinha dinheiro prá pagá chegemo lá a polícia estava lá prá levá a Geni pra DA chegemo lá na DA o delegado da DA falou assim: você vai pegá um ano de cadeia na DA O delegado a polícia, a polícia não aceitou mandou o bandido i lá com professor e a Geni não tinha dinheiro começou í junto com os bandidos, não sei agora me esquecí."

Mais interessante a ajuda a um companheiro que estava com o "diabo no corpo" (expressão usada por eles quando um colega está muito agressivo). Depois da minha pergunta: Como poderemos ajudar o "G" a permanecer conosco tocando? "B" apanha o violão e apoiando-o na perna que estava sobre a cadeira canta um repente, parodiando a música da propaganda da tele sena de carnaval., para o colega. Os demais escutam atentamente e participam tocando junto:

"Gean meu amigo, ele faz roça comigo, ele tá pra aquele negócio de fazê muito dinheiro. Agente tá na roça e ele tá ali perguntando para mim: Como vai a família dele se ele bate no padrasto dele. Ele me responde que o padrasto ... ele bate no padrasto dele,... ele disse para mim que o padrasto é ruim.... mas ele tem uma família que considera ele bem,... Nesse Brasil é o meu mundo sou feliz he he meu pai me adora (.....) he , he meu amigo Gean ta na casa do Pia tocando comigo. Essa festa de hoje a noite, foi eu que escolhi da tele sena de carnaval da tele sena essa festa junina é muito boa um dia muito lindo e o sol tá preparado, preparado que Deus nos preparo bastante num dia tão bonito na tele sena de ano novo na tel sena he he he he he he na tele sena de carnaval numa festa junina num lugar chamado que chamado Gean na casa do Pia."

Como a casa abriga até trinta meninos, muitas outras situações são merecedoras de atenção, e fornecem muito material para estudo. Escolhi estas duas pela intensidade da emoção que envolveu a todos nós da casa.

Seria ilusão achar que com este trabalho de Musicoterapia, nas condições que foi realizado, poderia alterar todo um mecanismo interno de funcionamento pessoal onde "... a criança, mesmo exposta a sofrimentos e carências mil, organiza-se em coletividade de maneira surpreendente e muitas vezes criativa para assegurar sua sobrevivência, montando estratégias onde a dimensão lúdica se mistura com as suas necessidades básicas e as suas reivindicações legítimas de identidade, de proteção e de respeito"(Bucher, 118) que lhes possibilita primeiramente sobreviver em seu meio de vida: família, escola e amigos. Não ousou da mesma forma reverter a forte inclinação e até busca pela morte

enquanto tentam se manter vivos a cada instante. Acredito sim, que oportunizar essa experiência musical cheia de opções de vida, num pulso constante e seguro, que é inerente a todo processo musicoterapêutico, é de suma importância para que eles possam utilizar a seu tempo, outras maneiras de relacionamentos consigo mesmos e com os demais, que estejam a sua volta. Outra questão, e agora coloco como sugestão para o programa, é ter a Musicoterapia um contato direto com qualquer outro serviço terapêutico que os meninos tenham, uma vez que, o trabalho multidisciplinar tem muito a acrescentar no desenvolvimento terapêutico. Numa equipe estas informações poderiam ser muito úteis, e precisaria apenas estar-se em contato com os profissionais que atende alguns meninos.

Aceitar este desafio, à partir de um pedido para cantar uma canção, feito por estes meninos moradores desta casa, foi muito importante para mim. Aprender com eles sobre sua realidade ao mesmo tempo que oportunizar que a criança existente em todos eles, tenha a liberdade segura e construtiva de brincar, é que me faz dizer que esta foi uma experiência que deu certo!

BIBLIOGRAFIA:

- BRUSCIA, Kenneth. Texto O desenvolvimento Musical com Fundamentação para a Terapia retirado do InfoCD RomII - Concedido e editado por David Aldridge. Universitat Witten Herdecke 1999. Publicado primeiramente em "Proceedings of the 18th Annual Conference of the canadian Association for music Therapy, 1991, 2-10
- BUCHER, Richard Drogas e sociedade nos tempos da AIDS, Editora Universidade e Brasília 1996. Brasília.
- VIOLANTE, Maria Lúcia Vieira, Texto A Perversidade da Exclusão Social, retirado do livro Adolescência e Violência. cap5 de David Leo Lewisk.